



p. 6 e 7

20 ANOS AO SERVIÇO DA MISSÃO

Viver com paixão este desafio «Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo», tem sido o alicerce destes 20 anos do Grupo Diálogos ao serviço da missão.

Não sabemos se é suficiente, mas entre o tudo e o nada há algo que podemos fazer. Falamos de uma missão ancorada no *amar, ousar, arriscar, acolher, cuidar!* Há caminhos que não trilhamos

sós. Não podemos desistir dos outros! Com eles, construiremos um mundo melhor. Compreender e abraçar cada desafio e circunstância é o sonho de Deus; por isso, *“faz-te ao largo...”* dá-Lhe a tua mão e vamos dar o que somos... tocados pelos testemunhos que apresentamos e que podem ser a medida dos nossos pés e das nossas mãos!

p. 11

DIA MUNDIAL DAS MISSÕES

A Mensagem do Papa para este dia tão marcante na vida da Igreja desafia-nos a ouvir a voz de Deus e a dar uma resposta generosa e convicta.



p. 3 - 5

DIFICULDADES E CAMINHOS

Missão por cá mostra-nos como em tempos de pandemia, algumas comunidades vão encontrando caminhos onde a vida se faz presente. Quantas maravilhas! Que o digam as pessoas da Serra de Santo António ao deixarem-se deslumbrar pelos gestos da Dona Elvira Pinheiro com os seus 94 anos!

p. 8

NOITES DE QUINTA-FEIRA

Quando falamos de Roma, pensamos normalmente no Vaticano ou na quantidade de monumentos a visitar.

Noites de quinta-feira traz até nós o testemunho de outras realidades que habitam as ruas da *cidade eterna*.

PENSAMENTO

SANTO ARNALDO JANSSEN

Deus não se deixa superar em generosidade.

O OSSO E O RETIRO

JOSÉ MARIA CARDOSO
Superior Provincial



A tarde estava quente. A palestra da tarde tinha terminado e havia duas horas de reflexão pessoal. Como gosto de reflexões passeadas, lá me fui de caminhada. Ainda os passos dados não tinham sido muitos quando vejo um banco de pedra, à sombra de uma árvore, a fazer-me sinal. Sentei-me a pensar nesse alimento espiritual que o conferencista nos tinha proposto. Um prato cheio, houvesse apetite. De repente, dou-me conta, pelos restos deixados, que à volta daquela mesa outros se tinham alimentado antes. De outras iguarias, claro, mas alimento. Entre as várias coisas deixadas por terra (sempre deixamos as marcas da nossa educação), havia um grandíssimo osso de frango mais esbichado e ressequido do que os ossos do vale da morte na visão de Ezequiel (Ez 37,40) e que Deus, na sua bondade, havia de voltar a encher de carne. Não seria o caso deste, por ser de frango, mas, e tal como aos outros, também lhe tocara aquele vale de morte debaixo da mesa. O que ali foi comido, pelo tamanho dos restos, não foi nenhum franganito de aviário à espera da papa feita, como as crianças do Nestum. Aquele era osso de atleta e de bico de milho e de erva fresca. Aquilo era coxa de quem correu terreno, de quem teve de esgravatar para encher a moela. Se pelas obras se conhece a fé, também pelo osso se conhece o galo.

Ali, a minha questão não era saber que dentes lhe tinham arrancado a carne nem que goelas a tinham engolido. Bicho foi, certamente. Só bicho come bicho! A minha atenção fixava-se no que tinha ficado depois de terem levado o que levaram. Ficou o que era consistente. Ficou o que se acha depois de tudo perdido; ficou a verdade depois da maquilhagem tirada; ficou a nudez depois das farpelas despidas; ficou a insignificância depois dos cargos rendidos. O corpo depois da roupa; a alma depois do corpo. E a pergunta era evidente: que "osso" ficará quando as mandíbulas do tempo me sugarem as aparências? O que há em mim de sólido, de firme, de intragável, depois de a tão variável e insaciável "fauna" dos dias e da idade ter devorado o que, em mim, é devorável, ter comido o que é comestível, ter feito desaparecer o que é passageiro? Quais as minhas consistências espirituais? Que esqueleto me sustenta a alma? "Céus e terra passarão, minhas palavras não passarão"! É este o meu osso de eternidade? Que se lerá, do que ficar de nós, no vale das memórias?

PS – Já agora, na próxima vez que comer um frango debaixo de uma árvore, não deixe restos por terra. Cuide da casa comum! •

AS VIDAS da minha vida

Álvaro AMARO

J. Jesus AMARO



O meu pai chamava-se Álvaro Amaro e nasceu, viveu e morreu, com a idade de 72 anos em fevereiro de 1998, na pequena aldeia de Violeiro, onde também está sepultado, freguesias de Alameda / São Vicente da Beira e concelho de Castelo Branco. O ti Álvaro, como ainda hoje gosto de dizer, foi uma das vidas da minha vida. Não só pelo facto de ter sido o meu pai, mas porque viveu de uma maneira muito positiva o seu papel de progenitor. Condiçãoou muito positivamente a minha vida desde o início e foi um dos pilares dela, enquanto viveu. Sem deixar de ter defeitos, que os tinha, o ti Álvaro foi uma grande pessoa: sério, carinhoso, trabalhador, solidário, compassivo. Gostava muito dele não só pelo facto de ser meu pai, mas também por ver nele o exemplo de uma boa pessoa. Modesto trabalhador, com uma alfabetização bastante rudimentar, começou a sua vida profissional, ainda muito jovem, juntamente como seu pai, o meu avô Amaro, em trabalhos ligados à agricultura e à madeira. Primeiro como serrador, em várias aldeias da Beira Alta (Rochoso, Ruvina, Marmeleiro, Outeiro de São Miguel, Gagos, Lajeosa do Mondego, Rapoula do Coa, Sabugal, Bismula, e outras. E onde nem sempre havia trabalho...

Como os filhos nasciam a um bom ritmo (somos seis irmãos), o que infelizmente não acontecia com o aumento do salário, que era muito baixo, havia que fazer uma gestão muito parcimoniosa para que houvesse pelo menos condições para ter acesso aos bens mais essenciais como a alimentação, o vestir e o calçar... Embora, este último já não se encontrasse entre os mais essenciais. Eu, pessoalmente, andei descalço até aos 11 anos... altura em que entrei no Verbo Divino de Fátima como candidato a irmão. Sabia eu lá bem o que era um candidato ... fui aprendendo depois a pouco e pouco. Ainda eu era um jovem adolescente quando o padre Fernando Gross SVD descobriu que eu não tinha vocação e, no final de umas chamadas "férias grandes", escreveu uma carta dizendo que eu devia ficar em casa. Ficámos chocados: eu e os meus pais, pois o prefeito Fernando nunca dissera nada acerca dessa minha falta de aptidão para seguir o SENHOR. Querendo aclarar as coisas, o ti Álvaro pôs os pés a comboio e foi até Fátima perguntar ao padre Fernando o que é que tinha acontecido que explicasse tão "trágico desfecho". Depois de uma conversa – que creio franca – a decisão foi revista e a vocação do

candidato José foi recuperada. Devo-lhe em parte significativa aquilo que sou hoje... E, à medida que os anos foram passando, o ti Álvaro sempre me apoiou com a bonomia dos mansos..., aliás, só me lembro de uma única vez me ter batido para acalmar os meus desejos de atleta, que circulava em excesso de velocidade pelas ruas do centro do Violeiro. Por sua vez, a minha mãe, Deolinda de Jesus, era dotada de uma direita ágil e prodigiosa de rápida (Também tinha muito mais treino). E o corpinho que o diga, sobretudo as orelhas. O ti Álvaro foi sempre um entusiasta das Festas dos Pais e Familiares. Mesmo nos anos que passei no Brasil sei que sempre participou. Foi uma vida simples a deste serrador e madeireiro que deixou uma grata memória nos seus seis filhos. A sua vida foi sem dúvida nenhuma uma das Vidas da Minha Vida. Obrigado ti Álvaro. Quando te levantavas, de manhã cedo, e começavas a cantar enchias a minha alma de alegria... e tranquilidade. Tenho a certeza de que estarás bem onde estiveres ... à espera do teu Zé, da tua Deolinda e dos teus outros filhos e netos... Pena que não tenhas conhecido a tua bisneta FRANCISCA. É um espanto... •

O REGADOR DA PAZ

JOSÉ M. TEIXEIRA

O MENINO PROTETOR DA CRIAÇÃO

Era uma vez um menino que nunca tinha visto peixes ao vivo. Um dia foi com os pais de férias para o Egipto. Ficaram instalados num grande hotel com piscina e mais coisas. Era um edifício branco e bonito. Primeiro, foram experimentar dar mergulhos na piscina. Depois, tomar banho de mar. O menino avistou um peixe. Foi vê-lo ao fundo do mar com a mãe. O peixe era fininho, comprido, verde e muito rápido, por isso foi impossível apanhá-lo. Mas o menino não ficou triste. Ele é um verdadeiro protetor e defensor da criação, só queria vê-lo ao vivo e a nadar. Se o tivesse apanhado tê-lo-ia libertado outra vez.

Vitória, vitória, quem quiser e puder, conte outra história.

Martim Pereira (1º ano)

Agrupamento de Escolas Daniel Sampaio

Escola Básica de Vale Rosal



INTENÇÕES DO PAPA

Outubro

Rezemos para que, em virtude do batismo, os fiéis leigos, em especial as mulheres, participem mais nas instâncias de responsabilidade da Igreja.

Novembro

Rezemos para que o progresso da robótica e da inteligência artificial esteja sempre ao serviço do ser humano.

MISSÃO POR CÁ

CHARLIE BARDAJE, COORDENADOR DE MISSÃO POR CÁ

UMA MANTA PARA NOSSA SENHORA NA SERRA DE SANTO ANTÓNIO



A Dona Elvira Pinheiro, de 94 anos, e residente na Serra de Santo António, veio à Missa da solenidade de Nossa Senhora da Assunção, no dia 15 de agosto. Com ela trazia uma prenda para Nossa Senhora. Com a sua idade e nas suas condições de saúde, ela continua a cumprir o seu compromisso de oferecer uma prenda a Nossa Senhora. Este

ano, ofereceu uma linda manta por ela delicadamente trabalhada. Certamente, a festa foi celebrada de maneira diferente este ano. Um ano para esquecer, dizem alguns. Com a Dona Elvira podemos aprender a viver a fé e o nosso compromisso independentemente do bom ou do mau tempo. •

NOSSA SENHORA PELAS RUAS DE MINDE

Chegou o mês de agosto, o mês de festas. O calor do verão veio, mas faltou o calor humano. A população sabia bem que este mês não podia ser vivido como antes da Covid-19. Devido à pandemia, a festa tinha de ser celebrada de outra maneira, naquilo que se vem chamando de novo normal.

Minde quis celebrar o dia da festa e honrar a sua amada padroeira, Nossa Senhora da Assunção. No dia 14 de agosto, a imagem de Nossa Senhora saiu da igreja paroquial. De manhã, a imagem visitou os lares de terceira idade e, à tarde, numa carrinha, percorreu todas as ruas de Minde.

No mesmo dia, foi inaugurada a Rua Padre Albino, a antiga rua do cruzeiro. No final do dia, foi recitado o Terço no Pavilhão Ana Sonça. No dia 15, dia solene da festa, a Missa foi celebrada no Pavilhão com a passagem de testemunho para os próximos festeiros e o regresso da imagem à igreja paroquial. Embora não fosse uma celebração como desejaríamos, foi uma celebração que o povo precisava para revigorar a esperança, a coragem e a fé, vendo a imagem da sua querida Mãe passando pelas ruas da vila, espaços que a pandemia tornara desertos durante algum tempo. •



MANTER A FÉ NOS MOMENTOS DIFÍCEIS EM TERRAS DO BAIXO VOUGA

Até agora, ainda estamos a passar por momentos difíceis devido à COVID-19 e somos convidados a repensar as nossas atividades profissionais, sociais e religiosas. Neste sentido, as paróquias do Baixo Vouga (São João de Loure, Frossos e Alquerubim), nas suas respetivas atividades pastorais celebraram as festas em honra dos padroeiros das paróquias e capelas, cumprindo sempre com afinco as recomendações da DGS referentes às normas de segurança. Ao fim de cada celebração eucarística, seguia-se uma pequena e simbólica procissão. A imagem do padroeiro saía da igreja numa carrinha e percorria as ruas da vila ou aldeia. O percurso foi o mesmo que nos anos anteriores, mas este ano não foram permitidas aglomerações e ninguém seguia na procissão. Os paroquianos acompanharam a procissão apenas das janelas e varandas das suas casas. Decorrendo de forma diferente, em relação ao que era habitual, não faltou sentimento e devoção. •



MISSÃO POR CÁ

ALMODÔVAR EM ORAÇÃO À DISTÂNCIA COM O GRUPO DIÁLOGOS

O início da segunda quinzena de agosto seria a Semana Missionária em Almodôvar, organizada pelo Grupo Diálogos. As circunstâncias, por todos conhecidas, ditaram o seu cancelamento. A ausência e a distância físicas não impediram um encontro mais próximo. Assim, na noite de 18 de agosto realizou-se um momento de oração através dos meios digitais.

O Grupo Diálogos reuniu-se em Guimarães e os de Almodôvar encontraram-se na Igreja Matriz. *“O desânimo e a tristeza podem dar lugar ao entusiasmo e à alegria?”* foi o mote deste momento de oração, enquadrado na situação sanitária mundial que se alastrou já por vários meses, impedindo a realização da vida normal, incluindo inúmeras atividades já programadas. Dando uma resposta afirmativa, *“o testemunho do cristão é*



estar mergulhado nas dificuldades da vida quotidiana com «renovada juventude da alma».

Se *“recordar é viver”*, este foi também o momento de recordar e reviver as atividades realizadas nos

anos anteriores, mantendo viva a chama da missão.

OLARIA PEDRADA DE NISA



A Vila de Nisa não é só afamada pelos seus queijos e enchidos. Um dos ex-líbris da vila alentejana é a Olaria Pedrada.

São peças de barro decoradas com pequenas pedrinhas de quartzo e que resultam em bonitas obras de Arte. As peças de olaria de Nisa assumem uma vertente decorativa, mas também de cariz utilitário como é o caso de potes, barris e asados, essencialmente no transporte e conservação de água proveniente das fontes públicas. As mulheres de Nisa, acostumadas à arte de bordar, transferiram para o barro a temática que faziam nos próprios bordados. Por isso, vamos encontrar na Olaria de Nisa, uma interligação profunda com os temas utilizados nos bordados.

A Olaria Pedrada foi uma técnica presente em algumas localidades do nosso país, com principal destaque para a região do Alto Alentejo, mas é no Concelho de Nisa, que esta arte de “bordar o barro” assume grande relevância a partir do século XIX. Nos anos 50 e 60 do século XX alcança o seu esplendor com mais de uma dezena de olarias em plena atividade na Vila de Nisa. Nos anos 60 do século XX nasce a popular Cantarinha de Nisa, que ganha um estatuto especial entre os viajantes do comboio da linha da Beira Baixa, onde eram vendidas, cheias de água, aos passageiros nos apeadeiros e estações na outra margem do Tejo. Todavia, há muito tempo que é uma arte exclusiva do Concelho de Nisa e, hoje, está presente unicamente na sede de Concelho, com 3 olarias em atividade.

Este ano, a Câmara Municipal de Nisa candidatou a Olaria Pedrada ao concurso das 7 Maravilhas da Cultura Popular Portuguesa. Com a presença da Sr^a Presidente, Dr^a Idalina Trindade, e do Padrinho, Padre André Beato, a Olaria Pedrada foi no dia 13 de julho de 2020, na Portagem (Marvão), a grande vencedora distrital do programa da RTP1 e eleita Pré-Finalista, representando a região do Alto Alentejo na Pré-Final a 23 de agosto em Salir (Loulé). Não conseguindo um lugar na grande Final, a Olaria Pedrada de Nisa é e continuará a ser uma Maravilha Singular, Genuína, Popular e com forte simbolismo identitário. Ficou entre os 28 patrimónios pré-finalistas num universo de 540 candidaturas, o que muito prestigia as gentes nizzoras. Está neste momento a decorrer o processo de classificação desta Arte como património da UNESCO.

MISSÃO POR CÁ

E A VIDA CONTINUA... NO VALE DE S. TORCATO

Em **S. Torcato** até se perde a ideia de que estamos no verão. O ritmo de festas que caracteriza a vila diluiu-se sob as ameaças da pandemia. Somente a Romaria Grande foi assinalada com a celebração da Eucaristia no terreiro. No entanto, vai-se tateando na elaboração de um programa pastoral e preparando a renovação do salão paroquial. Também se vão dando passos para a recuperação da “Casa do brasão”, agora propriedade da paróquia, com vista à dignificação do lugar e a um possível espaço interpretativo e museológico.

Subindo para **Gonça** podemos ver, desde a igreja, o marco geodésico por cima da pedreira, no lugar onde Gonça e Garfe se encontram. Neste “Tempo da Criação” é boa ideia ir descobrindo algumas maravilhas que nos escapam na corrida do dia-a-dia. É reconfortante, neste calor do verão, encontrar água corrente e fresca no alto do monte, encimado pelo talefe, donde se consegue uma visão de 360°. Aí foi-se construindo um parque com os elementos bem típicos do Minho, onde a natureza, a religião e a devoção popular se cruzam: uma ermida, um altar ao ar livre, as “Alminhas”, uma imagem de Cristo Rei e ainda um grupo escultórico de Nossa Senhora de Fátima com os Pastorinhos. Há ainda a observar o espaço arqueológico, com vestígios de um antigo eremitério. Quem diria que em tempo de telemóveis inteligentes e da internet poderíamos



mos encontrar em **Gominhões**, uma típica paróquia rural, um alfarrabista e uma pequena biblioteca, o que nos faz lembrar que a vida é muito mais do que aquilo que parece. Já existe há vários anos e recomenda-se. Como afirmou Lídia Jorge nestes dias, ao receber o prémio da Feira Internacional do Livro de Guadalajara, “a literatura é um ato de resistência”; e ainda: “hoje temos uma liberdade ilimitada e, ao mesmo tempo, parece haver um confinamento de pensamento crítico”. Parabéns! **São Lourenço de Selho** tornou-se nestes dias mais airosa com a

limpeza do terreno adjacente pela demolição de antigos aviários e também com obras de manutenção da igreja e respetiva pintura. Assinalou-se a festa do Padroeiro e a festa de S. João apenas com a celebração da Eucaristia.

Também a igreja de **São Cosme** se tornou mais airosa e acolhedora com a construção de um parque de estacionamento e com um projeto de arquitetura paisagística no espaço fronteiriço à mesma. Tudo significa dinamismo do Conselho Económico, generosidade dos proprietários que ofereceram o terreno,

envolvimento da Junta de Freguesia e entusiasmo do povo.

Rendufe foi nos últimos tempos embelezada com o parque e com um conjunto escultórico em pedra realizado por um filho da terra. E, apesar do momento de recessão económica, há manifestações de quem não desista e invista em novas oportunidades. O movimento típico de agosto, dinamizado pelo convívio dos numerosos emigrantes que visitam a terra e as festas de Nossa Senhora sofreu as limitações próprias da pandemia. •



ANTIGOS ALUNOS

ENCONTRO CANCELADO

A comissão organizadora do encontro de antigos alunos informa que o referido encontro, agendado para 31 de outubro de 2020, foi cancelado. A situação provocada pela pandemia Covid 19 levou a comissão a tomar esta decisão.

O comunicado informa ainda que a comissão (Emílio Barroso, Ismael Reis, Joaquim Brázia, José Alberto “Trigais”, Leonel Francisco e José Carlos Costa) se mantém para o encontro de 2021.



GUIÃO MISSIONÁRIO

O Guião Missionário pretende ser uma ajuda para que a Igreja em Portugal seja realmente Igreja missionária.

Poderá encontrá-lo nas casas dos Institutos missionários *ad gentes*, em Paróquias, Centros missionários diocesanos, assim como na sede nacional das Obras Missionárias Pontifícias.

20 ANOS AO SER

DIÁLOGOS, LEIGOS



Celebrar é fazer memória. Celebrar 20 anos do Grupo Diálogos é reviver experiências, visitar lugares, relembrar encontros que nos ajudaram a crescer. Para ajudar os leitores a acompanhar o percurso do Grupo, assinalamos na linha do tempo os momentos mais marcantes. Fomos ao encontro dos portadores de multideficiência no Centro João Paulo II, em Fátima e no Centro Santo Estêvão, em Viseu; dos idosos, em Vilar Formoso/Aldeia da Ponte, Almodôvar e Guimarães; das crianças e jovens no projeto “Caminhos e Sorrisos” (Terraços da Ponte); da população em Angola, no projeto “Abrir Caminhos”.

A GÊNESE DO GRUPO DIÁLOGOS

O Grupo *Diálogos, Leigos SVD para a Missão*, foi nascendo como resposta aos sinais dos tempos. Os pedidos avulsos que alguns jovens foram fazendo (Ângela para o Brasil, Rosário para Angola, Félix e Rita para Moçambique), a oração jovem na SVD de Lisboa, alguns pedidos de voluntariado em Portugal... A resposta foi sendo dada, caso a caso, até que foi surgindo um nome, um texto de oração do grupo, um logotipo, alguns princípios básicos, um programa de voluntariado, um programa de formação, atividades para angariar fundos e para animação missionária... Esperava-se dos missionários do Verbo Divino: acompanhamento espiritual, formação e orientação. Esperava-se dos jovens voluntários: abertura para a formação, testemunho de fé, maturidade para viver em comunidade, iniciativas para autonomia financeira, disponibilidade para partir em missão. O grupo foi fazendo história, com humildade e persistência. Tornámo-nos parceiros da missão, leigos e consagrados. Demos e recebemos, nesta ousadia de caminharmos juntos na missão. Conhecemos novos horizontes culturais, fomos evangelizados pela hospitalidade, fizemos a experiência do essencial que nos humaniza. Saímos de nós... e encontrámo-nos! Obrigado, meu Deus, por tanta gente que foi preenchendo os vazios do nosso coração; tantos pedaços de amizade dispersos pelo universo; tantos remendos de carinho que aquecem a história e faz brilhar o olhar, surpreendido com as grandes coisas feitas por Deus, nestes vasos frágeis, insaciáveis de aventura, porque a fé pede sempre mais!

Pe. José Augusto Leitão

PROJETO “ABRIR CAMINHOS”

Estávamos em 2003... Depois de meses de preparação, divulgação e angariação de fundos, chegou o momento de partirmos em missão. Era o primeiro projeto *ad gentes* do grupo Diálogos! Um projeto que surgiu na nossa vida como resposta à procura de termos uma experiência missionária em grupo, para descobrirmos se seria um caminho a fazer, mais tarde, como casal. Éramos 11 leigos, acompanhados por um Padre Missionário. Fomos “abrir caminhos” em Angola. “*Abrir Caminhos 2003*”,



foi o projeto que nos ajudou a preparar o caminho para projetos futuros. Neste projeto, tivemos oportunidade de colaborar em várias atividades: área da saúde, construção civil, animação infantil e pastoral... trabalhando com e para a comunidade. Foi uma experiência

rica e desafiante de diálogo, respeito, tolerância, reflexão, partilha e oração. Passaram muitos anos, mas permanecem ainda as marcas profundas dessa experiência que nos alargou os horizontes da vida! Guardamos os sorrisos, o acolhimento, a alegria, a vivência da fé com que nos presentearam os nossos irmãos de Angola, a quem dedicamos aquele mês de agosto.

Marta Rodrigues e Zé Novais

PROJETO DE VOLUNTARIADO NO CENTRO JOÃO PAULO II

Em 2008, graças ao Grupo Diálogos, participei num projeto de voluntariado com deficientes profundos, no Centro João Paulo II, que me marcou para a vida. Essas marcas levaram-me a voltar, em 2009, para reencontrar todos aqueles com quem passei momentos maravilhosos no ano anterior. Lidar com pessoas que têm deficiência profunda, nem sempre é fácil. Quando cheguei, nem sabia bem o que fazer, o que dizer, como reagir. Nem imaginava o que



iria ver e viver. Foi uma grande descoberta ver a beleza do ser humano, na sua fragilidade! Que grande aprendizagem para mim! Na verdade, o que tinha de fazer era ser eu mesma, comunicar com as pessoas, perceber as suas necessidades, alegrar e marcar o dia-a-dia dos funcionários e dos “meninos especiais”. Estar integrada num grupo foi fundamental, pois a partilha foi muito enriquecedora. Sentir que estamos onde somos necessários é um sentimento que nos enche o coração e nos faz acreditar que quem se dá ao outro, sem medida, sabe o que é amar.

Joana Raimundo

DIÁLOGOS JOVEM

O Diálogos Jovem (DJ) surgiu em janeiro de 2008. Era um grupo de jovens leigos missionários, orientado pelo Diálogos, inspirado na espiritualidade e no carisma dos Missionários do Verbo Divino e das Missionárias Servas do Espírito Santo. O objetivo era acolher os jovens que faziam projetos de voluntariado em Portugal, e seriam um ponto de referência para amigos, estabelecendo a ponte para a sua integração no Grupo Diálogos. Decorridos dois anos, os membros do DJ passaram a integrar o Grupo Diálogos.

Ana Isabel Almeida

VIÇO DA MISSÃO

SVD PARA A MISSÃO



PEREGRINAÇÃO A STEYL

Em maio de 2015, o Grupo Diálogos viajou até Steyl. Foi o sonho de irmos, em grupo, rezar junto ao túmulo de Santo Arnaldo Janssen, de percorrermos locais por onde andou, de vermos parte da obra que criou. Uma viagem que nos levou até às raízes da família que ele fundou. Nas semanas antecedentes preparámo-nos para partir, rezando, lendo testemunhos sobre a sua vida. Fomos calorosamente recebidos na casa “mãe”! Viajámos até Gogh, local da casa paterna de Santo Arnaldo. Sensibilizou-nos o acompanhamento e acolhimento que tivemos



por parte dos missionários e missionárias. Conhecer o local onde nasceu e cresceu todo este sonho missionário foi, para o grupo, uma emocionante peregrinação até à fonte. Viemos com o coração cheio de paz e alegria e desafiados, como leigos, a “procurar e cumprir sempre a vontade de Deus, como Santo Arnaldo Janssen procurou” e a “dizer Sim à Missão a que Deus nos chama”.

Fernanda Ramalhoto

CRIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO

Após vários anos de reflexão sobre a importância de transformar o Grupo Diálogos numa associação, bem como a reformulação dos estatutos, a sua concretização como Associação ocorreu em 19 de novembro de 2018, com a denominação “Diálogos, Leigos SVD para a Missão – Associação Missionária”. A partir desta data o grupo passou a ter personalidade jurídica através do NIPC 515073911, com sede na Rua de S. Torcato n.º 1721, Azurém, Guimarães (Casa dos Missionários do Verbo Divino). Prosseguimos com a mesma essência, mas com mais capacidade de resposta a possíveis solicitações.

Ana Isabel Almeida

MISSÃO NA NOSSA CASA

“As mãos que ajudam são mais sagradas que os lábios que rezam” (Madre Teresa de Calcutá).

Em agosto de 2020, o Grupo Diálogos colocou esta afirmação em ação no projeto “Missão na nossa casa”, no Seminário de Guimarães. Todas as atividades foram realizadas com alegria, empenho e dedicação. Neste ano atípico, não nos foi possível desenvolver as atividades



habituais, mas levou-nos a percorrer outros caminhos, a dar resposta a outros desafios. Também tivemos momentos de oração. Gostaria de salientar a oração, por videochamada, com a comunidade de Almodôvar pois, se não fosse a COVID-19 estaríamos no projeto com os idosos nessa linda terra alentejana. Esta oração foi muito emotiva. Senti muito entusiasmo, cumplicidade e alegria entre os membros do nosso Grupo e os membros presentes dessa comunidade. Correu tudo muito bem e em segurança, com as limitações que nos foram impostas por este vírus, que já nos mostrou o quão frágil somos! Uma fragilidade que nos uniu, nos colocou à prova...no meio de muitos atalhos! Este vírus mostrou-nos que “estamos todos no mesmo barco”. Precisamos uns dos outros para percorrer novos caminhos!

Sílvia Sofia Guimarães

OS VERBOS DO DIÁLOGOS

Durante vários anos acompanhei o Grupo Diálogos, colaborando na organização de algumas atividades e participando nos projetos de voluntariado. Participei, também, num dos seus projetos de voluntariado missionário em Angola. Agora que o grupo celebra vinte anos, gostaria de salientar algumas atitudes que, na minha perspetiva, identificam a sua vida e missão. Socorro-me de uma mão cheia de verbos que o grupo tem sabido conjugar desde a sua origem.

Abrir. O grupo abriu caminhos na missão verbita em Portugal e Angola. E, como o verbo abrir anda de mãos dadas com o verbo sair, uma das características do Grupo Diálogos era sair da sua zona de conforto e ir ao encontro dos outros, sobretudo dos mais pobres e fragilizados.

Crescer. O Grupo Diálogos possibilitou aos seus membros o crescimento na fé, fortaleceu o seu compromisso com a missão e gerou entusiasmo nas ações de voluntariado.

Contemplar. Os momentos de oração e os retiros eram ocasiões para contemplar a presença de Deus na natureza, na história de cada



membro do grupo, nas pessoas envolvidas nas nossas atividades.

Servir. Servir é um modo de conjugar o verbo amar. Recordo o serviço alegre e generoso que marcava os projetos de voluntariado com deficientes profundos, crianças e idosos.

Pertencer. Os membros do grupo pertencem à família missionária de Santo Arnaldo Janssen. Eles são, como muitos outros leigos associados à SVD, membros ativos e entusiastas. Trabalhando com eles, confirmei como é importante promover a missão partilhada com os leigos.

Pe. José Antunes da Silva



A TEMPO E A DESTEMPO

OLHAR A EDUCAÇÃO EM CLIMA DE PANDEMIA

É na crise que nascem as invenções, os descobrimentos e as grandes estratégias.
Albert Einstein



BERNARDINO SILVA
bernardino.silva@gmail.com

A propagação vertiginosa da pandemia de Covid-19 tem imposto ao mundo a tomada de medidas importantes por parte dos governos de todos os países. De acordo com as Nações Unidas, 174 países fecharam escolas e universidades, com mais de 1,5 bilhões de alunos a serem afetados. Antes disto, muitos países já enfrentavam a crise da educação, ou seja, não conseguiam oferecer aprendizagens de qualidade para boa parte dos estudantes. A suspensão das aulas não só significou que

crianças e jovens não estivessem a aprender, mas também poderá levar a que, ao longo do tempo se possam esquecer conceitos e aprendizagens essenciais importantes para atingirem as competências exigidas e necessárias mais tarde. A interrupção das aulas também afetou a rede de proteção social. Muitas crianças têm a alimentação na escola, como a única refeição regular e saudável. Da mesma forma, muitas mulheres, por serem frequentemente as principais responsáveis pelo cuidado infantil, acabaram por ficar sobrecarregadas ao acumularem trabalho e cuidado dos filhos nos tempos de pandemia.

Assim, não podemos pensar novamente em encerrar as escolas, pois o encerramento pode significar a interrupção do processo de aprendizagem, principalmente para as crianças com alta vulnerabilidade.

A ausência de interação entre estudantes e professores rompe o

processo de aprendizagem e, se a pandemia durar como dizem as previsões, não será possível recuperar muito do tempo perdido, quando as escolas reabrirem. Também se eleva o risco de aumentar as taxas de abandono escolar, especialmente entre os alunos de famílias em situação de alta vulnerabilidade. Isso poderia trazer uma queda significativa no futuro ao nível do capital humano.

Podemos e devemos aprender com esta crise. Só assim promovemos o salto de qualidade na educação de que tanto necessitamos em Portugal e no mundo.

Urge, assim, dar prioridade aos que mais necessitam do nosso apoio: esse público-alvo que inclui as crianças e os jovens mais pobres,

os que correm o risco de exclusão e de abandono escolar. Lembremo-nos que, para os mais vulneráveis, a educação salva vidas. Ela não dá apenas segurança, proteção e alimentação, mas estimula a esperança de um futuro que permite a esperança em dias melhores.

Neste momento em que a educação se reorganiza para enfrentar a crise, quem sabe, talvez possamos tirar várias lições sobre como assegurar uma educação de qualidade para todas as nossas crianças e jovens. Isto porque, para construirmos um futuro próspero e seguro, precisamos de agir com inteligência, integridade, organização e competência. Podemos e devemos aprender com esta crise. Só assim promovemos o salto de qualidade na educação de que tanto necessitamos em Portugal e no mundo. •

NOITES DE QUINTA-FEIRA

JOSÉ ANTUNES

Aqui, perto de casa, as arcadas do edifício dos Correios servem de abrigo noturno a pessoas que não têm casa onde dormir. Segundo estatísticas oficiais, existem mais de oito mil pessoas sem abrigo nas ruas de Roma. Estão a morar na rua por muitas razões, sendo as mais frequentes o desemprego e problemas familiares. Na cidade de Roma, há diversas instituições civis e religiosas que os ajudam. Entre elas destaca-se a Comunidade de Santo Egídio, uma associação católica leiga dedicada ao serviço social que surgiu em 1968 sob a liderança de Andrea Riccardi. A organização



atende a todo um rol de pessoas carenciadas: idosos solitários, imigrantes, pessoas sem abrigo, doentes terminais e pacientes com HIV/AIDS.

Na Quaresma do ano passado, a comunidade do Colégio do Verbo Divino começou a colaborar com a Comunidade de Santo Egídio no apoio alimentar aos sem-abrigo que dormem nas ruas e parques próximos do Colégio. Todas as quintas-feiras à noite, um grupo de dois ou três confrades, juntamente com um membro da comunidade de Santo Egídio, visita estas pessoas e oferece-lhes sanduíches, frutas e refrigerantes. Às vezes, também levamos roupa ou calçado.

Via dei Verbiti



Um deles dorme, há muitos anos, numa roulotte abandonada e, de vez em quando, levamos-lhe velas que usa para iluminar a sua “casa”. Nos restantes dias da semana, outros grupos prestam o mesmo serviço.

Atualmente, a nossa comunidade presta apoio a cerca de 20 moradores de rua e, como são visitados uma vez por semana, já os conhecemos pessoalmente. A grande maioria são homens, italianos e estrangeiros. Os estrangeiros vêm sobretudo do Norte de África, da Europa de Leste e do Médio Oriente. Entre eles há cristãos e muçulmanos. Um deles tem um simpático cão que sempre corre ao nosso encontro quando nos aproximamos.

A pandemia provocada pelo coronavírus afetou de modo dramático toda a Itália. No dia 8 de março, foi imposto o confinamento e todos ficámos fechados em casa. Todavia, continuamos o apoio aos sem-abrigo, uma vez que a Comunidade de Santo Egídio obteve uma autorização do município para continuar alguns serviços de apoio aos mais necessitados. E assim, quando muitas organizações civis de caridade interromperam o serviço, a nossa missão tornou-se mais importante, não apenas para a distribuição de alimentos, mas também para mostrar que ninguém deveria ficar esquecido num momento difícil como aquele. Passámos a usar máscara e luvas, praticamos o distanciamento físico e as conversas eram mais curtas. Quando muitas portas se fecharam, a nossa continuou aberta para podermos sair ao encontro de quem não tem casa. As noites de quinta-feira tornaram-se assim momentos de crescimento pessoal e comunitário e fator de proximidade do Colégio com a vizinhança. •

OUTROS OLHARES

CAMINHOS DE MISSÃO

DEVENDRA BHURIYA



São já 23 anos de vida com o povo português, a sua língua e a sua cultura. Cheguei a Portugal, como seminarista, em setembro de 1997. Vivi uma experiência transcultural durante o tempo da formação inicial. Esta experiência foi muito forte e positiva. Continuei com a minha formação e os estudos de teologia na Universidade Católica, em Lisboa.

Fui ordenado sacerdote na Índia, a 5 de maio de 2002, tendo Portugal como destino missionário. São 18 anos de entrega! Durante este tempo, trabalhei na pastoral vocacional e na animação missionária, no berço da nação. Deste trabalho resultaram duas vocações missionárias e sacerdotais. Senti-me gratificado e feliz por ter sido um instrumento do Senhor no acolhimento, acompanhamento e no cuidado desses sacerdotes, no início das suas caminhadas vocacionais. Estive empenhado neste trabalho durante sete anos. Confissões, pregações, retiros, visita aos doentes, acompanhamento espiritual, semanas missionárias, distribuição de material da animação missionária e adoração ao Santíssimo Sacramento nas paróquias, encontros de preparação para o crisma, presença em encontros regionais dos Amigos do Verbo Divino... foram caminhos de missão que muito me enriqueceram.

Fiz o mestrado em teologia espiritual, em Madrid, tendo posteriormente sido nomeado Reitor do Seminário de Fátima, serviço que exerci durante três anos. Naquela altura, colaborei no Santuário, no serviço de confissões e na recitação do Terço. Depois fui nomeado formador dos seminaristas no Seminário de Lisboa, missão vivida durante três anos. Em 2019 fui nomeado Reitor da comunidade e Pároco de Tortosendo. Tenho procurado acompanhar atentamente quer a comunidade verbita, quer a paróquia. Hoje, ao fazer memória, fico muito grato e feliz pelo que aprendi e cresci como missionário e sacerdote do Verbo Divino. Nunca imaginei conseguir falar a língua de Camões e muito menos anunciar a Palavra de Deus nesta língua. Agradeço a Deus Uno e Trino por fazer de mim um instrumento da sua Palavra na terra dos Santos Pastorinhos. •

MISSÃO E VOCAÇÃO

BÍBLIA

JOAQUIM DOMINGOS LUÍS

O DISCURSO EM PARÁBOLAS (Mt 13)

Mateus colocou o discurso em parábolas ao fim do ministério de Jesus na Galileia. Temos sete parábolas, quatro das quais são próprias de Mateus. As sete parábolas do Reino sugerem a revelação, no tempo, da realidade do Reino de Deus.

Nos lábios de Jesus, a *parábola do semeador* parece dirigir-se a pessoas dececionadas, ao ver o fracasso da Sua pregação. A aplicação desta parábola na comunidade primitiva interessa-se sobretudo pelo terreno, ou seja, pela qualidade das pessoas que recebem esta palavra.

Destas seis parábolas, quatro vêm aos pares: a do *grão de mostarda e da levedura* (Mt 13,31-33) e a do *tesouro e da pérola preciosa* (vv.44-46). As outras duas, parecidas quanto ao fundo, servem para enquadrá-las: a do *joio*

(vv.24-30) e a *da rede* (vv.47-50). No centro surge a explicação do joio (36-43). Portanto, é esta parábola e a sua explicação que dá sentido ao conjunto. A questão principal, aos olhos do evangelista, não é saber se se é ou não cristão, se se pertence à Igreja ou não: mas mais universalmente, se se cumpre a vontade do Pai celeste ou não. Cristão ou não, cada um será julgado segundo o seu comportamento.

As parábolas do *grão de mostarda* e da *levedura* têm um sentido muito parecido ao da parábola do Semeador. Mas o contexto dá-lhe outra força. Neste mundo, em que o mal e o bem andam tão intimamente ligados, quem vai ganhar? Estas duas parábolas estabelecem um mesmo contraste entre um começo insignificante (um pequeno grão, um pouco de fermento) e o

resultado maravilhoso. O Reino começa pobremente, mas irá crescendo contra tudo e será capaz de revolucionar o mundo.

As parábolas do *tesouro* e da *pérola preciosa* falam do arriscar tudo pela alegria do Reino e insistem na disposição essencial para formar parte deste Reino: estar disposto a tudo vender por ele.

Jesus não explica aos discípulos as últimas parábolas: tinham sido «compreendidas». Jesus desejaria que os escribas, com toda a riqueza do «velho» Testamento, se convertessem em discípulos para descobrir o «novo». Mas, já que se negam a isso, serão os discípulos a converter-se em «escribas» ao compreender os mistérios do Reino, sem passar pela ciência rabínica (13, 51-52). •



Contacto svd RECOMENDA

EMÍLIA MOURA

LAURINDA ALVES

JUNTOS ESTAMOS MELHOR

Histórias reais que despertam
memórias e nos fazem ter
mais esperança



Neste livro, encontramos histórias reais, tocantes e surpreendentes, que mostram a vida tal como ela acontece. As vozes que Laurinda Alves nos traz revelam uma sabedoria incomum. São pessoas que vivem o aqui e o agora. Pessoas que não esquecem as raízes profundas que as ligam ao passado, aos dias luminosos e às noites de amargura, às horas felizes e aos tempos de aflição, aos instantes de glória e aos momentos de desespero. Eis uma viagem pelos lugares seguros da infância, pelos gestos que nos interpelam e pelas palavras que nos emocionam.

Juntos ...

Porque sozinhos, não vamos longe;
Resgatamos um sentido de familiaridade com o mundo;
Revisitamos lugares e fazemos memória de pessoas e acontecimentos marcantes;
Quebramos o silêncio que nos tatua o coração e esmaga;
Assimilamos que o sofrimento é experienciado por pessoas, não apenas por corpos;
Aprendemos que comunicar é muito mais do que falar;
Crescemos e ajudamos a crescer;
Reaprendemos que quem semeia silêncios colhe possibilidades;
Acreditamos que o tempo e as coisas demoram a assentar, a esquecer e a lembrar, a curar e a apagar;
Juntos... na busca de sentido da vida, porque cada um tem a sua vocação e missão específica.

CARIDADE NA CONFIANÇA

DAMIÃO LELO

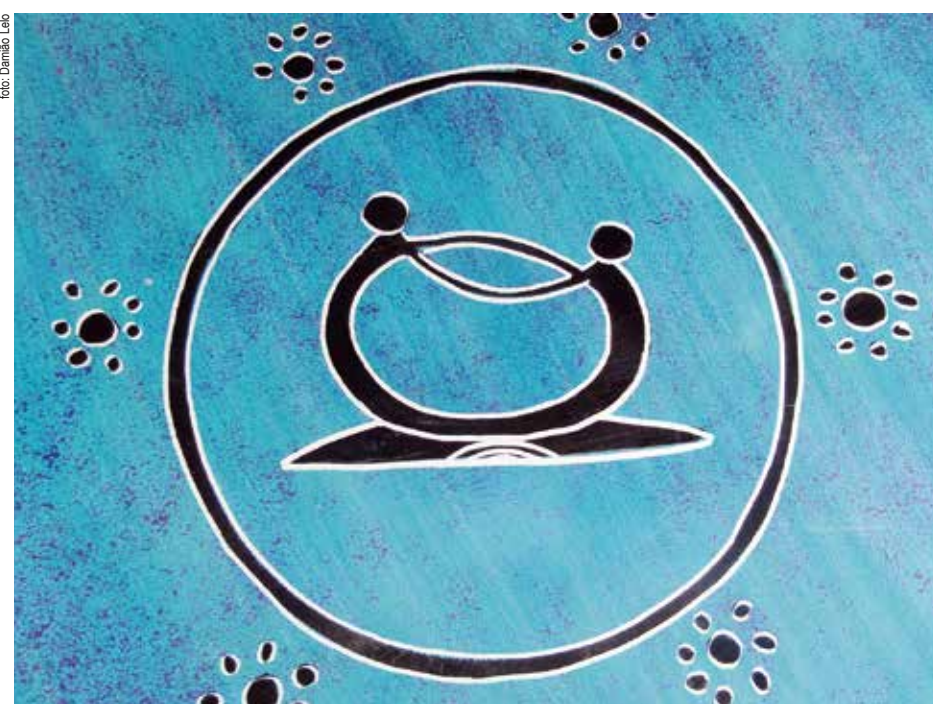
O que podemos nós, neste momento de incerteza, comunicar aos outros, aos jovens, aos vulneráveis, aos desesperados, aos desamparados? O dizer de Jesus ao paralisado que se encontra em Mateus 9,1-8 – «Filho,

vezes, nestes dias da luta contra a COVID-19, ouvimos: confiança na ciência, confiança nos governos e nos economistas – como decisores políticos e económicos. A falta de confiança é um perigo, uma paralisia.

viver em medo, em desespero. Tudo isso nos rouba a credibilidade.

É urgente promover a pedagogia da confiança. A ideia de Luigi Maria Epicoco dá que pensar: «a maior caridade que se pode fazer a uma pessoa é a caridade da confiança». A caridade da confiança levanta uma pessoa do lamaçal da situação paralisada, do desespero. No meio do nó de alguns doutores da Lei que alimentam maus pensamentos, Jesus disse ao paralisado: «levanta-te, toma a tua enxerga e vai para a tua casa» (Mt 9,3-6).

A caridade da confiança traduz-se em palavras e gestos bondosos que inspiram a credibilidade, que depositam o crédito, que amparam, que libertam da paralisia que nos vacila e oprime. No palco global, a caridade da confiança é a chave-mestra que abre o cofre da cordialidade. Possibilita o acesso ao oculto do ser ou da existência. A única forma de estabelecer relações com (A) alguém – homem, mulher, Deus – é feita mediante a confiança e a mútua aceitação. A caridade da confiança transcende-nos. Abre-nos ao (O) outro! •



tem confiança; os teus pecados estão perdoados» – interpela-nos. «Dar crédito» a uma pessoa é empoderar, dar a autoridade para ultrapassar obstáculos que estrangulam. O vocábulo «confiança» ganha impacto no espaço público. Quantas

Torna a vida estagnada e tolhida. É o limite de toda a experiência possível. A pandemia, *fake news* – notícias falsas – e as notícias tóxicas que nos bombardeiam, paralisam-nos. Levam-nos a desconfiar dos outros. Confinam-nos, ao mesmo tempo, a



OPINIÃO

SALVAR O HOMEM



JORGE FERNANDES
jfernandes1875@gmail.com

Em plena crise provocada pela Covid-19, ouviram-se as mais disparatadas previsões sobre o futuro da humanidade, até que se encontrasse a vacina mágica que nos libertasse desta e doutras epidemias. Os tons dessas previsões tendiam para uma visão positiva, pois o homem tem essa capacidade rara de aprender com os próprios desmandos. E falava-se em aprendermos a respeitar a mãe natureza, casa comum, vítima de tantas agressões; exigia-se que olhássemos uns para os outros com a dignidade que merecemos; pedia-se para sermos mais solidários e cuidadosos no trato com os menos beneficiados pela sorte ou pela vida. Tais ilusões vão caindo como muros de terra batida, incapazes de conter a ambição e o egoísmo que nos marcam a ferro e fogo desde o nosso nascimento. O homem grita por salvação, mas a mesma é-lhe oferecida como dom e como conclusão de um árduo caminho de purificação.

A grande preocupação da política é a recuperação económica e a aplicação justa e oportuna dos milhões postos à nossa disposição pela Comunidade Europeia Aquilo que prometia termos um ano 2020 de crescimento económico e de bem-estar, transformou-se num lodaçal, de onde não vai ser fácil sairmos. A economia comanda tudo, encerram-se teatros e dissolvem-se orquestras, porque são economicamente insustentáveis. Há dinheiro,

A presente crise não é sobretudo económica. É uma crise com raízes muito profundas, toca a nossa cultura e a forma de nos situarmos no mundo.

mas é para aplicar naquilo que é rentável. No meio de tudo isto esquecemos que a presente crise não é sobretudo económica. É uma crise com raízes muito profundas, toca a nossa cultura e a forma de nos situarmos no mundo. Damo-nos conta das nossas grandes fragilidades, mas não as queremos assumir perante aquele Deus, que nos convoca para a partilha e a comunhão.

Gritamos por salvação e nós, crentes, sabemos que a mesma nos é oferecida há mais de 2.000 anos pela via do Evangelho. Há realidades que não se

compram nem se vendem: a alegria por vivermos neste Planeta Azul, a nossa casa comum; a música religiosa e profana onde podemos escutar o Inaudível e o Transcendente; um texto literário capaz de despertar em nós os melhores sonhos e projetos. O mistério, para lá de tudo o que é dizível e manifesto, vem ao nosso encontro nas coisas banais ou importantes de cada dia.

A presente crise convida-nos a sermos capazes de ter este olhar novo e salvaguardar a paz social. O desemprego está a atirar muita gente para a sopa dos pobres. Há meses que os responsáveis pelas obras sociais da Igreja falaram do assunto. A presente crise convida-nos a levar a sério esta preocupação: todos os seres humanos têm direito ao pão e ao trabalho. A dignidade pessoal e a paz entre todos nascem da garantia desses direitos. Acabo de ler que a palavra grega para paz (eiréne) está ligada à música. Significa a consonância de todos os sons, os agudos e os graves, os fortes e os suaves. Quando os sons se conjugam e ressoam conjuntamente, chegamos à harmonia da peça musical. A hora presente convida-nos a isso: a criar espaço para todos, a não pretendermos encaixar os outros na nossa visão, na nossa cultura ou no nosso partido. Tentemos apenas que todos entrem em diálogo, em consonância e harmonia como os sons de uma orquestra. •

QUE É FEITO DE TI

ANTÓNIO MANUEL MENDES DE MELO



Nascido na mui nobre Aldeia Nova do Cabo; aí fiz a entrada nos estudos. A escola foi o local onde o Padre Lúcio me foi desafiar. A minha família aceitou a mudança: afastamento pessoal e um esforço financeiro de que me dei conta mais tarde ao consultar a fatura do Seminário e a folha de ordenado do meu pai, único sustento da casa. Mas valeu a pena, embora tenha saído da vida da SVD aos 15 anos, em plena Revolução dos Cravos. Guardo na memória esse dia, passado no Seminário. Desde o sobressalto da noite à festa do dia. Não houve aulas. O Seminário do Verbo Divino fez jus à sua modernidade cívica. No verão tomei a decisão; acabados os exames do 5.º ano saí. Penso que poderia ter ficado mais tempo. Continuei os estudos no liceu do Fundão e no Magistério Primário do Fundão. Curso terminado, esperava-me o serviço Militar em Arca D'Água, Porto, Transmissões. 18 meses. Pesando os prós e os contras, constituiu um tempo de consolidação como jovem adulto. Em dezembro de 1981 fui conhecer a minha escola. E tive o meu batismo de ensino. Choque, mas teimei. Casei em 82; a minha esposa, Teresa, acompanha-me na profissão. Tenho dois filhos e dois netos. Hoje, após 40 anos de serviço, exerço funções na direção do Agrupamento de Escolas Gardunha e Xisto, no Fundão. Considero-me uma pessoa feliz, dentro da vulgar conceção do termo. Mas eu não sinto a felicidade como algo estático, atingido. Felicidade é um estado dinâmico. Há sempre caminho para andar. Passados todos estes anos, há dívidas de gratidão: primeiro aos meus pais que deram mais do que tinham para que eu fosse quem sou. Depois, devo muito à minha família da SVD. Hoje estou sempre a dever à minha família. São eles que me aquecem nos "dias de inverno", que penso que todos terão. Termina com a ajuda do nosso querido e inigualável Pessoa:

"Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido."

António Pinto (responsável por esta coluna)

UMA VOZ PROFÉTICA



DOMINGOS SOUSA
d.sousa1@hotmail.com

Em outubro de 1855, Kierkegaard, filósofo e teólogo protestante dinamarquês, jazia no leito de um hospital. Restavam-lhe poucas semanas de vida. Um pastor, amigo seu, visita-o e pergunta-lhe: "Não desejas comungar?". "Sim, mas não recebo a comunhão das mãos de um pastor, só de um leigo", responde Kierkegaard. "Isso será difícil de fazer", retorque o amigo pastor. "Então morro sem comungar", insiste Kierkegaard. "Isso não está certo", contrapõe o amigo. "Não se pode debater isto. Tomei a minha decisão. Fiz a minha escolha. Os pastores são funcionários públicos da Coroa. Funcionários públicos da Coroa não têm nada a ver com o cristianismo", refuta Kierkegaard, que acabou por morrer sem comungar.

Ao longo do ano que antecedeu a sua morte, Kierkegaard havia lançado um implacável ataque à Igreja estatal dinamarquesa e às figuras eclesiais que a representavam. Ele acusa bispos e pastores de corrupção e hipocrisia e de haverem adulterado a mensagem cristã. Tacha-os de para-

sitas que "ganham a vida em nome do cristianismo, proclamando justamente o oposto do cristianismo do Novo Testamento". Apresentar tais figuras eclesiais como testemunhas da verdade "é tão ridículo como falar de uma virgem com um bando de filhos". Ele considera o cristianismo oficial um abismo de falsidade e ilusão. "O cristianismo, que veio ao mundo como a verdade pela qual se morre, tornou-se agora a verdade mediante a qual se vive com a família, prosperando constantemente". E acrescenta: "Todos poderão ver que o cristianismo oficial não é o cristianismo do Novo Testamento, assemelha-se a ele tanto quanto um quadrado se assemelha a um círculo". Estas são al-

A crítica de Kierkegaard é insólita e distinta da crítica ao cristianismo de outros pensadores do século XIX.

gumas das afirmações lancinantes da diatribe anticlerical que Kierkegaard desenvolve, entre 1854 e 1855, e publica numa série de artigos num jornal dinamarquês e na sua própria publicação *O Momento*.

A linguagem adotada por Kierkegaard na sua crítica é, por vezes, manifestamente hiperbólica. Havia, porém, um fundo de verdade que as próprias figuras eclesiais admitiam. O bispo primaz da Igreja estatal dinamarquesa, numa carta dirigida a um amigo

pastor, confidenciava: "Obtive uma boa compreensão das condições e circunstâncias muito miseráveis da situação eclesial. Há certamente coisas na Igreja estatal que não podem nem devem ser mantidas". E conclui a sua análise: "O clero integra um bom número de membros pelos quais não valeria a pena apoiar a instituição eclesial". Contudo, o bispo foi incapaz de admitir publicamente as falhas da instituição eclesial que Kierkegaard exigia.

A crítica de Kierkegaard é insólita e distinta da crítica ao cristianismo de outros pensadores do século XIX, tais como Feuerbach, Marx e Schopenhauer. Não vem de fora, mas do seio da Igreja. Da parte de alguém profundamente religioso. Participava regularmente do culto. Havia obtido as qualificações exigidas para ser ordenado pastor, uma vocação que, em vários momentos da sua vida, considerou realizar. Chegou inclusive a completar o programa de formação pastoral e a proferir o sermão de treinamento. A sua crítica não nasce, pois, da descrença, mas da fé e paixão pela figura de Cristo, cujo sentido e exigência de seguimento para a existência pessoal do crente ele profundamente elucidou nas suas obras e, em grande medida, expressou na sua própria vida. Esta é uma voz incómoda e profética que deve continuar a ser escutada. •

OLHARES

DIA MUNDIAL DAS MISSÕES

EIS-ME AQUI, ENVIA-ME (ISAÍAS 6,8)



É com esta passagem bíblica que o Papa Francisco nos apresenta a sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões (18 outubro 2020).

Seguidamente, contextualiza as suas palavras na realidade que vivemos, mencionando as “tribulações e desafios causados pela pandemia Covid 19”. Depois de recuperar as palavras proferidas na Praça de São Pedro no dia 27 de março de 2020, acrescenta: “Estamos verdadeiramente assustados, desorientados e temerosos. O sofrimento e a morte fazem-nos experimentar a nossa fragilidade humana; mas, ao mesmo tempo, todos

nos reconhecemos participantes dum forte desejo de vida e de libertação do mal. Neste contexto, a chamada à missão, o convite a sair de si mesmo por amor de Deus e do próximo aparece como oportunidade de partilha, serviço, intercessão. A missão que Deus confia a cada um faz passar do «eu» medroso e fechado ao «eu» resolutivo e renovado pelo dom de si”.

Recorda-nos que “a missão, a *Igreja em saída* não é um programa, um intuito concretizável por um esforço de vontade. É Cristo que faz sair a Igreja de si mesma. Na missão de anunciar o Evangelho, moves-te porque o Espírito te impele e conduz”. Somos chamados porque “filhos e filhas de Deus na Igreja, sua família, irmãos e irmãs naquela caridade que Jesus nos testemunhou”. A Igreja “envia-nos por toda a parte para que, através do nosso testemunho da fé e do anúncio do Evangelho, Deus continue a manifestar o seu amor e possa tocar e transformar corações, mentes, corpos, sociedades e culturas em todo o tempo e lugar”.

Hoje, Deus continua a perguntar: «Quem enviarei?» “e aguarda de nós uma resposta generosa e convicta”: «Eis-me aqui, envia-me».

Já na parte final da sua mensagem afirma que “celebrar o Dia Mundial das Missões significa também reiterar que a oração, a reflexão e a ajuda material das vossas ofertas são oportunidades para participar ativamente na missão de Jesus na sua Igreja”.

Tudo isto sob a proteção da Virgem Maria, “Estrela da Evangelização e Consoladora dos Aflitos, discípula missionária do seu Filho Jesus”. •

MISSAS PELOS BENFEITORES

Nos inícios de cada mês será celebrada uma Santa Missa pelas intenções dos benfeitores vivos e uma outra pela alma dos benfeitores falecidos.

MANEIRA DE COLABORAR COM A MISSÃO



Também você poderá ajudar os missionários, enviando pedidos de intenções de missas e trintários gregorianos. Desta maneira, estará a contribuir para a subsistência dos missionários. Bem haja!

Secretariado Missionário do Verbo Divino
Rotunda dos Peregrinos, 101
2495-412 Fátima
☎ 249 534 116
✉ proc.missoes.fatima@verbodivino.pt

Leve consigo boas companhias:



**Calendário
Missionário 2021**
1€



Agenda Jovem 2021
2€

Secretariado Missionário do Verbo Divino
Rotunda dos Peregrinos, 101 - 2495-412 FÁTIMA
Tel: 249 534 116
proc.missoes.fatima@verbodivino.pt

Comunidade dos Missionários do Verbo Divino ou das Irmãs Servas do Espírito Santo na sua região.

ASSINATURAS

O custo da assinatura anual de *Contacto svd* é de 4,00€.

O último ano pago está indicado na folha do endereço.

Para fazer a transferência bancária

IBAN: PT500010 0000 0251971000178 (Seminário M Verbo Divino)

Para qualquer esclarecimento suplementar contactar o Secretariado

Missionário do Verbo Divino - Tel. 249 534 116 - Brigitte Martins

E-mail: proc.missoes.fatima@verbodivino.pt

A Administração de *Contacto svd*

NOVAS ASSINATURAS

Porque queremos servir melhor a Missão...
Ajude-nos com o envio de **novas assinaturas.**

Nome: _____

Morada: _____

Código Postal: _____ - _____

Data nascimento: ____ / ____ / ____ ☎

@ _____ (Assinatura 4,00€)

Secretariado Missionário do Verbo Divino
Rotunda dos Peregrinos, 101 * 2495-412 FÁTIMA
☎ 249 534 116 * ✉ proc.missoes.fatima@verbodivino.pt
📄 PT50 0010 0000 0251 9710 0017 8

Autorizo o tratamento dos dados indicados para o fim a que se destinam e para a divulgação de publicações da Congregação do Verbo Divino.

MISSÃO POR LÁ

NOVO ROSTO NA GUINÉ-BISSAU



Chama-se Ranjith Kumar. Nasceu na Índia, em 1989. Foi ordenado a 10 de agosto de 2019. Nesse mesmo ano chegou a Lisboa para o estudo da língua portuguesa. Partiu para a

Guiné-Bissau a 10 de agosto de 2020. Não é da Congregação dos Missionários do Verbo Divino; pertence ao PIME (Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras), organização missionária nascida em 1850, no norte de Itália. Tal como o P. Ranjith, outros membros do PIME têm feito o estudo da língua portuguesa na casa dos Missionários do Verbo Divino, em Lisboa. Uma bênção de Deus!

Na Missa de despedida em Lisboa, o P. Ranjith dizia na sua homilia que “todos devemos partir para encontrar algo ou para chegar a algum lugar, especialmente para chegar ao Senhor. Para amar alguém, devemos também partir para amar o outro como diz no evangelho. Eu também estou a partir para amar o Senhor com todo o meu

coração, alma e mente.... Jesus dirige-se a cada um de nós, Jesus chama-nos a ser um discípulo em missão! Jesus dá-nos três palavras: Vai, sem medo, para servir.

1. Vai. Jesus não disse: se quiserem, se tiverem tempo, vão, mas disse: “Ide e fazei discípulos de todos os povos”. Partilhar a experiência da fé, dar testemunho da fé, proclamar o Evangelho é o mandato que o Senhor confia a toda a Igreja, também a nós... não só nos envia, mas acompanha-nos, está sempre ao nosso lado nesta missão de amor.

2. Sem medo.: “Não tenhas medo!” Quando vamos para proclamar Cristo, é Ele próprio que nos precede e nos guia. Ao enviar os seus discípulos em missão, prometeu: “Eu estou convos-

co todos os dias” (Mt 28,20)... Jesus nunca deixa ninguém sozinho!

3. A última palavra: servir. Servir a todos, amando a todos... Evangelizar é dar testemunho em primeira mão do amor de Deus, é vencer o nosso egoísmo, é servir dobrando-se e lavando os pés dos nossos irmãos como Jesus o fez.

Três palavras: Ir, sem medo, para servir. Estas palavras dão-me coragem. Também ouvi estas palavras enquanto caminhava convosco durante este ano. Muito obrigado pela vossa amizade. Eu levo comigo as vossas palavras, partilhas e amizade”.

Chamado e enviado. A Guiné-Bissau acolheu mais um coração que saberá amar o povo ao qual foi enviado. •

DESAFIOS EM TERRAS DISTANTES - ARGENTINA

O impacto da pandemia Covid 19 faz-se sentir em diferentes espaços e contextos. As respostas, nas suas diferenças, procuram encontrar novos caminhos. Também na diocese de Jujuy, norte da Argentina, se encontram braços que se levantam e corações que se alargam. Num dos bairros da cidade capital da província, está a paróquia de São José Operário. Coordenado pelo P. Manuel Cáceres, o grupo de catequese daquela paróquia tem procurado abrir janelas quando as portas se fecham. Mercedes Álvarez, catequista e coordenadora do grupo de oração, feita agora pela internet, integra na sua rede grupos de oração da vizinha Bolívia. Mercedes sente que é fundamental acompanhar as famílias, animando-as a viver estas experiências de encontro com Deus Pai, crescendo em serenidade e confiança na Divina Misericórdia. •



DESLOCADOS A AUMENTAR NO NORTE DE MOÇAMBIQUE

A realidade em Cabo Delgado parece sem solução. O Presidente de Moçam-



bique, Filipe Nyusi, visitou a região e conversou com o bispo de Nampula, Luiz Fernando Lisboa.

Os deslocados estão a aumentar. Inclusivamente as regiões afastadas, tal como o distrito de Liúpo, já os estão a receber. Ninguém sabe ao certo o número de deslocados, uns falam em 250.000, outros dizem que serão quase 500.000. Só na Província de Nampula, registados, são já 15.000!

A situação de Cabo Delgado mereceu a atenção do Papa Francisco, que se manifestou preocupado com a violência armada e com as populações afetadas que sofrem as consequências desta violência. •

MÁSCARA EM BANGASSOU

Em Bangassou, República Centro-Africana, o preço de uma máscara seria o que uma mulher consegue ganhar no mercado durante uma manhã de trabalho! (Bispo de Bangassou, Religião Digital, 3.9.2020) •



Colaboradores:

Ranjith Kumar, Guiné-Bissau / Liliana Barrios, Argentina / Moacir Rudnick, Moçambique